

Escritores cronistas em Roraima: crônicas de Nenê Macaggi e Eliakin Rufino publicados nos jornais O átomo e Folha de Boa Vista

Profa. Dra. Moema de Souza Esmeraldo

Considerações iniciais

*Escrever prosa é uma arte ingrata.
Eu digo prosa fiada, como faz um cronista.*

(Vinícius de Moraes)

A crônica é marcada por uma linguagem solta – “prosa fiada”, como cita Vinícius de Moraes –, que prima pelo pitoresco, pelo cotidiano e até faz ficcionalização de pessoas reais. Nessa relação, produz uma linguagem com um ritmo ágil, próxima do coloquialismo. O cronista pode explorar as potencialidades da língua, buscando uma construção frasal que provoque significações em contraste com a normatização da linguagem jornalística, fruto de uma economia que dirige a mensagem ao maior número de interlocutores possível. Por sua vez, a linguagem literária se oferece como espaço da experimentação por excelência.

A crônica jornalística, especificamente, tornou-se uma expressão literária com singularidades nacionais, pois é reconhecida como um tipo textual que se aclimatou muito bem no Brasil. A crônica praticada modernamente pelos autores brasileiros afasta-se de seu primeiro contorno historicista, bem como da forma escrita empregada no período do Romantismo¹. O exercício da crônica foi incorporado à cultura brasileira por uma linguagem acessível, próxima ao cotidiano. O termo “crônica” consolida-se, no Brasil, com José de Alencar e Machado de Assis, e “a partir do Realismo, acerca-se mais da vida e da linguagem do povo, assumindo um valor mais próximo da reportagem” (ESMERALDO, 2018). Nesse momento, Machado de Assis notabiliza-se como escritor cronista e surgem nomes importantes como João do Rio e Lima Barreto. João do Rio, pseudônimo do autor Paulo Barreto, inaugurou uma nova maneira de informar nas crônicas publicadas na coluna Cinematographo, no jornal Gazeta de Notícias, durante os anos de 1907 a 1910. Foi seguido por Lima Barreto, também cronista, que registrou, com impressionante riqueza de detalhes, a vida no começo do século passado. Em seguida, vieram os modernistas da “geração de ouro” da crônica moderna brasileira.

¹ Docente na Universidade Federal de Roraima/ UFRR atuando nos cursos de Educação deo Campo e Licenciatura em Matemática EAD. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras/ PPGL e do Programa de Mestrado Profissional de Educação Inclusiva/ Profei.

Esse tipo de narrativa chama atenção dos críticos, que a reivindicam como uma expressão literária genuinamente brasileira. Tal discussão, academicista, nos alerta Massaud Moisés, tem “derramado tinta inútil” (MOISÉS, 1967, p. 246). Mais útil, por exemplo, seria reconhecer escritores que compõem a tradição de escrita cronística, observando este forte traço da literatura nacional, ligado diretamente aos jornais, se naturalizando, sobretudo, a partir da década de 1930².

A circulação de crônicas em jornais continua no início do século XX, com o trabalho singular de Rubem Braga, na década de 1930, seguido de inúmeros outros, como Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Fernando Sabino, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo, que deram continuidade a uma linhagem de escritores-cronistas, no Brasil.

A consistente análise de Maria Cristina Ribas (2013, p. 8), no artigo “Destecendo a rede conceitual da crônica”, em seu recorte pedagógico, mostra que o termo “crônica” reúne a compreensão da constituição multifacetada do discurso cronístico. Sendo assim,

deparamo-nos com a insistência de grande parte da crítica na perpetuação de conceitos e valores que mantêm a crônica circunscrita a um território bastante reduzido; em contrapartida, ressaltamos a importância de um estudo teórico-metodológico voltado para a crônica e defendemos que o esforço de desentranhar uma matriz homogênea que dê conta do gênero limita o debate a discussões previsíveis e rotulações dicotômicas, num desenho de contornos ainda fortemente românticos (RIBAS, 2013, p. 8).

Nessa perspectiva, tipificar a crônica como um texto híbrido e fazer a balança pender para um ou outro aspecto dessa ambiguidade, por conta exclusiva do talento do escritor, é mais uma particularização infundada do ponto de vista epistemológico. Isso porque atribui à crônica uma singularidade que, na verdade, é plural e compartilhada pelos inúmeros gêneros textuais no cenário discursivo.

Desse modo, o estudo teórico pretendido privilegia a crônica moderna brasileira, que se consolida com o Modernismo, apresentando-se como uma literatura voltada para um público que consumia jornais. Escrever crônicas para jornais representou uma possibilidade de profissionalização para os escritores brasileiros, por vários motivos, entre eles a necessidade financeira. Em Roraima não foi diferente: os escritores Nenê Macaggi e Eliakin Rufino dedicaram-se a esse tipo de escrita específica para jornal. Por meio do acesso público, pela Hemeroteca Digital Brasileira, plataforma disponível no site da Biblioteca Nacional, foram

² Antonio Candido, no ensaio “A vida ao rés-do-chão”, estabelece a década de 1930 como marco da crônica moderna no Brasil.

encontradas crônicas publicadas por esses dois autores em exemplares originais dos jornais *O Átomo* e *Folha de Boa Vista*.

Fato interessante é que Nenê Macaggi apenas publica seu primeiro livro com temática roraimense 35 anos depois de exercer a crônica jornalística em periódicos com os quais se correspondia durante o período em que desempenhou suas funções no extinto SPI. Nesse diapasão, acredita-se que o exercício da crônica, mesmo que informativa e descritiva, serviu de conteúdo para o romance mais importante da autora, **A Mulher do Garimpo**.

Eliakin Rufino, ainda estreando suas publicações literárias, um pouco mais tarde se tornaria uma voz importante que entusiasmou praticamente todo o período, até os dias atuais, como referência de artista e escritor do estado de Roraima. Por tal relevância, o autor se presta ao objetivo desta pesquisa, de examinar os textos que pertencem à produção do autor dedicada a jornais. Para demonstrar isso, propõe-se uma análise metodológica que considera os textos de Rufino, em especial os publicados no jornal *O Átomo*, a partir da observação da prática de escrita e de escolhas temáticas classificadas e recorrentes.

No jornal *O Átomo*, que foi considerado o primeiro jornal independente do Território Federal do Rio Branco, podem ser encontradas crônicas de Nenê Macaggi publicadas entre os anos de 1954 e 1955. O periódico surgiu em 1951, e na data de 12 de setembro de 1953, a autora publica um conto intitulado “Falso diagnóstico”.

O jornal *Folha de Boa Vista*, fundado em 1983, no então Território Federal, está ativo até os dias atuais. No periódico encontram-se diferentes autores que publicavam crônicas com ou sem regularidade, entre eles, Eliakin Rufino. Foram já identificados textos do autor que contribuem com a discussão apontada por Mibielli (2017) em relação ao “discurso exótico para descrever e/ou caracterizar a Amazônia” (2017, p. 1).

Exercício da crônica no Brasil

A literatura, a partir da invenção da imprensa, cooperou para a convergência dos meios, deixando ainda mais tênues as linhas de divisão entre os vários campos da produção cultural, inclusive literária. Com o aprimoramento da imprensa, muitos escritores tiveram que se adaptar aos novos tempos, permeados por um sistema de convenções que circulam entre o mercado editorial, o texto e o leitor.

Pensando a relação entre escritor, leitor e obra, este projeto de pesquisa apresenta resultados que possibilitaram averiguar como se deu em Roraima a participação de escritores reconhecidos que aceitaram trabalhar em periódicos, como, por exemplo, Eliakin Rufino e Nenê Maccagi. De modo geral, autores contemporâneos, na tentativa de agradar ao público, obtendo sucesso comercial, e, ao mesmo tempo, mantendo a dimensão crítica da obra, preservam a sua complexidade, utilizando a multiplicidade de códigos que se apresentam.

Nesse contexto, o jornal serve de mediação entre o público e o texto literário. O panorama cultural da atualidade permite a intensificação de suportes e processos de deslocamentos que se realizam em diversos níveis, afetando, portanto, o conceito de arte e a sua função na sociedade.

Na conferência intitulada “O autor como produtor”, Walter Benjamin, já na década de 1930, chamava atenção sobre a fusão de formas literárias. Vera Follain Figueiredo (2010) lembra a intenção do filósofo de pôr em relevo a capacidade da imprensa de ultrapassar as distinções compartimentalizadas dos gêneros. Com o surgimento da imprensa e dos jornais, passa a existir um novo tipo de leitor, um leitor moderno que provocou “um novo tipo de escrita, decorrente da circulação acelerada dos textos e da propagação da leitura extensiva” (FIGUEIREDO, 2010, p. 13). Dessa maneira, os autores procuram atender a esse leitor extensivo que consome mitos impressos, o que, segundo a autora, contribui para alterar o modo de escrever. Essa tendência contemporânea aproximou o autor do público e superou as esferas convencionais da escrita literária.

Muitos autores, ao aceitarem escrever por encomenda, confirmam o aspecto profissional de sua atividade. Nessa discussão, ainda se deve considerar que esses textos circulam pela internet, em *sites* que disponibilizam a digitalização de jornais, o que demonstra a virada dos parâmetros da arte. Cada vez mais, a arte se aproxima do mais popular e se afasta da noção de idealização do autor, tendendo a ser valorizada a recepção do texto pelo leitor e a interação que se estabelece entre essas duas instâncias.

O exercício da crônica no Brasil pressupõe a atividade jornalística. Ao mesmo tempo que o talento para escrever é visto como atividade rentável, é, como arte, atividade negociável. A relação entre arte e mercado propiciou condições estruturais que permitiram a profissionalização do trabalho intelectual no nosso país. A crônica moderna, como tal se propagou no país, possibilitou ao escritor uma “prosa afiada” mais próxima do leitor, em detrimento das regras

rígidas da grande tradição literária. No livro **Penas de Aluguel: Escritores Jornalistas no Brasil – 1904-2004**, Cristiane Costa (2005) afirma: “desde que João do Rio publicou *O momento literário*, um dos atrativos para o aspirante a escritor é a sua legitimação no meio editorial” (p. 349). Ao refletir sobre as relações entre jornalismo e literatura, a autora destaca que “o artista em tempo integral está mais para exceção do que para regra no Brasil” (COSTA, 2005, p. 347).

No Brasil, a constituição da crônica implicou um imbricamento entre literatura e jornalismo. O reconhecimento foi dado à crônica por meio de seus escritores-jornalistas nas crônicas produzidas para o jornal. E é justamente por causa da efemeridade do jornal que a crônica assume especificidades distintas. *Pari passu* ao hibridismo, Jorge de Sá, ao discutir a ambiguidade da crônica, confere à “essência jornalística” herdada pela crônica uma visão essencialista de literatura. Ressalta ainda que “o importante é reconhecer que essa mistura nada mais é do que uma tendência da literatura contemporânea, numa enriquecedora confluência de gêneros” (SÁ, 2002, p. 26).

Mesmo assim, o estudo da crônica ainda é pouco explorado pela teoria literária, em que pese um aumento significativo de escritores que também exerceram a função de cronistas para periódicos de sua época. Segundo se depreende dos textos de autores críticos a serem pesquisados, como “A crônica”, de Massaud Moisés, escrito na década de 1960; “A ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo”, de Antonio Dimas, da década de 1970; o ensaio já citado “A vida ao rés-do-chão”, de Antonio Candido, e “Fragmentos sobre a crônica”, de Davi Arrigucci Júnior, ambos escritos na década de 1980, verifica-se que existem definições reincidentes circunscritas por esses autores, que consensualmente assumem aspectos semelhantes como características da crônica. Procura-se aqui, então, propor uma revisão conceitual, o que não significa, necessariamente, definir novos conceitos, muito menos definir um tipo específico de gênero, mas, sim apontar especificidades desse tipo de produção escrita.

Em contrapartida, questiona-se a ideia enraizada pela crítica literária sobre a crônica ser um “gênero menor”. Então, os resultados apresentados a partir desta pesquisa também tem o objetivo de desmontar algumas armadilhas conceituais e condicionamentos que restringem o estudo do tema. Ainda existe a resistência a não sair da costumeira zona de conforto, a não abrir mão dos clichês e definições que restringem a crônica a características similares de efemeridade, além de se reforçar seu grau menor, seu suposto caráter híbrido e ambíguo, como decantada herança do seu lado jornalístico. Por causa de tal herança, apresenta-se a necessidade de

relacionar a crônica a partir de seus suportes e modos de leitura, tendo em vista as especificidades do suporte da crônica que se veiculou no Brasil, sobretudo, em jornais.

A discussão teórica sobre a crônica moderna no tocante à preocupação quanto à reflexão teórica que envolve sua conceituação no Brasil, a partir dos lugares-comuns radicados por parte da crítica e aceitos como parâmetros no estudo do gênero literário. Essa discussão, atualmente, é mais salutar do que apenas reproduzir conceitos estereotipados, na medida em que revisita a prática da crítica literária e examina definições que reduzem sua compreensão.

Ao revisitar parte da crítica sobre a crônica brasileira, verifica-se a carência de fundamentos teóricos que enfrentem pesquisadores que se propõem a estudar o tema. Consta-se esse fato, sobretudo, em razão da repetição atenuada de certas particularidades da crônica. Nesse quadro, é imprescindível ressaltar contribuições valiosas de críticos que analisaram essa prática escrita por outros vieses, como Beatriz Resende (1995), Maria Cristina Ribas (2013), Renato Cordeiro Gomes (1994) e a historiadora Margarida Neves (2005), referências importantes a serem abordadas nesta pesquisa.

A observação das comparações com outros textos em prosa sinaliza uma reprodução de estereótipos nos estudos. Sem dúvida, é preciso considerar que o termo “crônica” aponta para diferentes textualidades, o que complica sua definição. No entanto, a necessidade de ilustrar a crônica a partir de definições repetitivas que esboçam a inferioridade demonstra a insuficiência da formulação de conceitos específicos, ou melhor, evidencia que esse modelo se refere a generalizações que não dão conta de uma mesma matriz pretendida, se é que ela existe.

Davi Arrigucci Júnior afirma que se trata de um “gênero lateral com relação à poesia e à ficção” (1987, p. 63). Antonio Candido chega a pronunciar em uma perspectiva conservadora que “jamais lhe imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romances, dramaturgos e poetas” (2004, p. 26). Antonio Dimas lembra que a crônica foi subestimada em detrimento do romance e do conto, por isso, “sempre conheceu o desprestígio” (1974, p. 46).

Quando se observa atentamente a crítica, nota-se a reiteração de características formuladas, entre outros, por Arrigucci Júnior, Candido e Dimas, com o consentimento da comunidade acadêmica, salvaguardadas as diferenças entre os críticos e reconhecendo-se o esforço e o trabalho respeitável de Candido na compreensão da literatura brasileira como sistema. Então, a partir dos textos críticos citados, são encontrados outros conceitos reincidentes para a

definição de crônica. Entre eles, os que mais chamam atenção, pela persistência, são a efemeridade, o hibridismo e a coloquialidade, como atributos menores.

Para confrontar essa ideia, consideram-se outras questões pertinentes do estudo da crônica modernamente praticada, no Brasil, que passa a sobreviver em jornais e revistas, por isso vive sob a gênese da efemeridade. Esse aspecto, bem como a égide do hibridismo, estaria condicionando a sua existência. Visto por outro lado, dir-se-ia que a análise dos discursos literário e jornalístico como constituintes desliza em todos os discursos sobre o tema. É nessa tensão entre os discursos literário e jornalístico, excedendo os mitos de seus constituintes, que se produzem as particularidades da crônica. O que não significa depreciar essa relação “ambígua” entre a literatura e o jornalismo.

Crônistas em Roraima

O desenvolvimento da análise aqui proposta intenciona também a leitura de textos teóricos sobre escrita, memória e história. E assim se pode pensar também a subjetividade da história de Roraima nas crônicas de Eliakin Rufino e Nenê Macaggi, sendo que a produção literária dos escritores em estudo abre caminhos para estendermos o estudo crítico e bibliográfico desses autores. O raciocínio de como a crônica moderna se preocupa com a narração do cotidiano e a representação do espaço vivenciado pelo escritor/narrador deve ser privilegiado neste estudo. Isso porque a escrita dos autores em estudo e a sua produção textual para jornais determinaram a interação entre o indivíduo e o espaço público³, presumindo reconhecer que os olhares dos cronistas sobre a cidade de Boa Vista são configurados pela memória.

Os escritores Eliakin Rufino e Nenê Macaggi, mesmo que em perspectivas de representação do espaço diferentes e até antagônicas, cada um à sua maneira, narrou a história oficial e cotidiana produzindo uma escrita “por encomenda”, uma escrita interessada em representar a sociedade e os modos de vida da época. Cabe destacar, ainda que sumariamente, que Nenê Macaggi possui uma escrita que preocupa-se com a representação do espaço local.

³ A discussão que permeia o entendimento de espaços públicos não será foco desta pesquisa, tendo em vista sua complexidade, mas é necessário estabelecer alguns cortes na abordagem. Nessa discussão se destacam as contribuições de Hannah Arendt e Jürgen Habermas para traçar o sentido empregado do termo “espaço público”. Para Arendt, o termo “público” significa a possibilidade de contato entre as pessoas, o que justificaria, na perspectiva da autora, a relação existente entre a esfera pública e a ação (política). Já Habermas fala de uma esfera pública burguesa que introduziu os modernos meios de comunicação social para incentivar um consumo passivo de produtos culturais e informativos.

Dessa maneira, uma das características da função textual da crônica é a enunciação, portanto, possui relação com um campo associado de *domínio de memória*. É por meio do *domínio de memória* que os enunciados se sucedem, ordenam-se e se determinam, na medida em que se afirmam ou se opõem. Essa discussão torna-se salutar, uma vez que a escrita proporciona verdades que podem “ser ditas”, em que se encontra o chamado *domínio de memória* dos enunciados. Assim, a crônica está associada às questões memorialísticas, que, mesmo quando não referidas, privilegiam os aspectos de narração e descrição textual incorporando elementos narrativos.

Resultados em andamento

Esta pesquisa está sendo desenvolvida a partir de orientação acadêmica de iniciação científica, como bolsa de fomento do CnPq, além de orientação dissertação na Pós-Graduação, em Letras, da Universidade Federal de Roraima por meio do levantamento, da seleção e da análise de crônicas publicadas em periódicos roraimenses, especificamente, crônicas de escritores como Eliakin Rufino e Nenê Macaggi, que circularam apenas em periódicos, na época de sua produção, bem como sistematizar subsídios teóricos e críticos de estudos que permeiam a temática sobre a crônica moderna no Brasil. Pretende-se, desse modo, realizar discussões ligadas ao estudo do texto narrativo e crítica em relação ao conceito da crônica como gênero literário “desprezado” pela crítica literária.

Os resultados esperados consistiram em apresentar textos ainda não publicados em livros que serão pesquisados e selecionados, no primeiro momento, a partir da hemeroteca digital. Almeja-se futuramente ampliar o *corpus* por meio da busca de publicações em fontes outras primárias e com a possibilidade de expandir o projeto com a investigação em arquivos públicos e pessoais. Tais textos demonstram como no processo de escrita para jornais, esses autores contribuem para a compreensão da memória e da história local. Pretende-se também investigar pressupostos que comprovem o caráter de uma escrita narrativa autobiográfica demonstrando alinhamento com a produção estética contemporânea, presumindo reconhecer a tradição da crônica moderna.

Almeja-se ainda estabelecer a produção cronística e o referencial bibliográfico dos autores em estudo. O desenvolvimento da análise aqui proposta intenciona a leitura de textos teóricos sobre prosa contemporânea, escrita, memória, história e literatura. Nesse sentido,

também se propõe a observar o movimento autobiográfico de construção de uma memória individual nas crônicas a serem trabalhadas. Isto posto, há o intuito de tentar definir a importância de narrar o contexto histórico vivenciado pelos autores por meio da análise de elementos literários, narrativos e descritivos que proporcionam uma identidade cultural roraimense.

Portanto, a análise o levantamento, a análise e a identificação de elementos textuais narrativos e descritivos evidenciados na linguagem literária em seu sentido mais abrangente ainda precisam ser realizados. Restritamente, pretende-se ainda confirmar uma produção literária de Eliakin Rufino e Nenê Macaggi em jornais.

Outra questão importante a ser explorada refere-se à representação do espaço local da produção literária como manifestação cultural promovida pela necessidade de construção da identidade do sujeito escritor/narrador relacionando os aspectos autobiográficos da escrita. Ante o que foi exposto, pretende-se desvendar o olhar lançado pelos autores sobre as vivências nesse espaço específico do território hoje considerado como estado de Roraima.

Por fim, trata-se de uma pesquisa inicial sobre dois escritores que publicaram crônicas em jornais de Roraima. A partir dos resultados desta proposta de estudo, novos recortes – por exemplo, que contemplem diferentes temáticas ou outros escritores cronistas – poderão ser desdobramentos possíveis de pesquisa ou orientações de pesquisas. Estima-se, por exemplo, que a representação do espaço da cidade de Boa Vista possa ser outro recorte de análise, caso os resultados apresentem uma visão “de dentro para fora”, caracterizando-se pelas descrições e pela identificação íntima dos escritores com a cidade e pela transcendência descrita em linguagem literária.

Referências

- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. **Boletim bibliográfico**, Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, v. 46, n. 1/4, p. 43-53, jan./dez. 1985.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v.1.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas; Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP, 1999.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DIMAS, Antonio. A ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo. **Littera – Revista para professor de português e literaturas de língua portuguesa**. Rio de Janeiro, ano IV, n. 12, set./dez. 1974.

ESMERALDO, Moema. **Cidade em fragmentos**: imagens urbanas nas crônicas de C.D.A para o Correio da Manhã. Tese (Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

FIGUEIREDO, Vera Follain. **Narrativas migrantes**: literatura, roteiro e cinema. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

NASCIMENTO, Luciana Marino do; MIBIELLI, Roberto; FIOROTTI, Devair Antônio (Orgs.). **Nós da Amazônia**: literatura, cultura e identidade na/da Amazônia. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

NEVES, Margarida de Souza. Viajando o Sertão: Luíz da Câmara Cascudo e o solo da tradição. *In*: NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; CHALHOUB, Sidney (Orgs.). **A história em coisas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005, p. 1-25.

RIBAS, Maria Cristina. Destecendo a crônica como gênero menor: ressignificações, materialidades e suportes. **Brazilian Journal of Development**, v. 9, n. 1, p. 3966-3983, 2023.